

Sindicalistas prometem ordem

O ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, disse ontem ao vice-presidente da Central Geral dos Trabalhadores (CGT), José Calixto Ramos, que confia nos sindicalistas encarregados de organizar a greve geral marcada para o próximo dia 12. "Eu confio em vocês", disse o ministro, respondendo ao pedido de crédito por parte de membros da CGT, que garantiram a realização da greve num clima de ordem e tranqüilidade.

O ministro, entretanto, teme que haja infiltrações" e a repetição dos distúrbios verificados logo após a manifestação de protesto contra o Cruzado II, no dia 27 de novembro, em Brasília. Segundo Calixto, o ministro não especificou de que grupos políticos partiriam as infiltrações na paralisação.

"Numa atitude de respeito ao ministro", com quem tinham conversado na manhã de quarta-feira em busca de uma solução para o impasse em torno do pacote, os dirigentes da CGT foram levar a Pazzianotto o manifesto convocando para a greve. Calixto disse que o ministro recebeu o documento "com naturalidade" e sem demonstrar raiva ou desatenção. Apenas mostrou-se preocupado, porque, afinal, é o responsável pela área trabalhista do Governo.

UNIDADE

O vice-presidente da CGT, que é também presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI), disse que a união de correntes político-ideológicas tão distintas do movimento sindical

"é um fato inusitado". "Ninguém acreditava, mas foi uma reunião de alto nível", que possibilitou o consenso em torno da greve geral.

Apesar de ter ficado clara a divergência com relação ao enfoque dado à greve pela CUT, de um lado, e pela CGT, de outro, Calixto afirmou que a paralisação está centrada em dois motivos: A revogação do Pacote Econômico e a suspensão ou rediscussão da dívida externa. Ele explicou que todo o problema econômico tem raiz no endividamento com os bancos internacionais.

De qualquer forma, esclareceu, não foi discutido o que fazer na hipótese de o Governo atender a uma das reivindicações. A dúvida que ainda paira no ar é se o movimento sindical voltaria atrás e suspenderia a greve. Calixto disse que a discussão sobre a greve, que logo se tornou uma bandeira de todos os presentes à reunião de quarta-feira na CNTI, onde se decidiu a paralisação, impediu que isso fosse discutido.

GERAL?

O vice da CGT acredita na força de mobilização dos sindicatos, mas acha que é "uma pretensão" alguém acreditar que a paralisação será "geral", no sentido mais exato que a palavra possa alcançar. Ainda mais que setores essenciais, como os de emergência hospitalar e distribuição de energia elétrica, vão continuar funcionando para não prejudicar a população. "Pelo menos nos aproximar do geral" será possível, disse o dirigente.